

Entrevista

ROBERTO TIETZMANN

O papel da teoria crítica na contemporaneidade

*Ed Wilson ARAÚJO**Tháisa BUENO**Marco Antônio GEHLEN**Lucas Santiago Arraes REINO¹⁰⁹*

Há espaço para a Teoria Crítica nas discussões contemporâneas sobre arte, comunicação e sociedade? Sim, há, mas com um viés revisitado. Essa é a perspectiva que defende nesta entrevista o professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Famecos (Faculdade de Comunicação Social da PUC-RS) Roberto Tietzmann. Formado em Publicidade e Propaganda e doutor em Comunicação, o pesquisador propõe uma revisitação dos conceitos basilares da teoria que marcou a história comunicação para “libertá-la do estigma que foi dado ao final da década de 60 e 70”. Para isso, nessa entrevista, ele sugere uma discussão sobre quem são os novos nomes da teoria de viés frankfurtiano, inclusive com designações importantes, em sua avaliação, também no Brasil, e faz ponderações precisas sobre obras de arte, cinema e outros produtos culturais. Para ele, a Teoria Crítica está viva, à medida que relações de poder, dominação e conformação do gosto e da atitude dos leitores continuava acontecendo. Entre os assuntos debatidos nessa conversa está o papel emancipatório ou não das novas tecnologias e até que ponto as possibilidades advindas com a internet potencializam a capacidade crítica das massas.

Qual é a marca da nova Teoria Crítica hoje?

Roberto Tietzmann – A Teoria Crítica é tensionada no contemporâneo primeiro para se libertar do estigma que foi dado ao final da década de 60, 70, quando a gente teve a entrada de outras teorias como os Estudos Culturais, a Semiótica e outras formas de

¹⁰⁹ Os autores são todos professores no curso de Comunicação Social nas Universidade Federal do Maranhão e alunos do Programa de Pós-graduação - Doutorado em Comunicação Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Contatos: edwilson_araujo@yahoo.com.br, thaisabu@gmail.com, gehlen.m@gmail.com e lucasreino@gmail.com.

interpretação que deixaram a Teoria Crítica de viés frankfurtiano como uma teoria antiga, como a teoria que discutiria aspectos que já teriam sido resolvidos. Textos de Adorno e Habermas muitas vezes refletem sobre essa relativa perda de sentido da Teoria Crítica, quer dizer, do entendimento sobre a Teoria Crítica nesse período.

Agora, no contemporâneo, especialmente de 20 anos pra cá, da década de 90 pra cá, a gente vê um novo movimento de concentração de empresas, de aquisições, de aglutinações, de privatizações no caso brasileiro e isso aí exige que se esteja atento a essas novas formas de distribuição, afinal, que conteúdos são esses que se está consumindo hoje? Quem produz? Qual é o viés disso? Como isso ajuda a manter uma plateia com o gosto mais ou menos conformado e equilibrado?

E é importante, também, colocar outro ponto: a Teoria Crítica, por ter um viés marxista desde sua fundação, num primeiro momento também quis combater os estudiosos que, eventualmente, propuseram modelos alternativos a ela. Durante aquele congresso, na década de 70, o maior congresso de Comunicação do mundo, ele era muito polarizado. A Guerra Fria batia direto ali. Não havia nenhuma violência, mas ela se repercutia ali como tentativa de cooptação, de chamar pra ficar mais amigo de um lado ou de outro.

Então, passados os anos 1990, passada a queda da cortina de ferro e essa reconfiguração do mundo é o momento, também, de observar a Teoria Crítica, de voltar olhar a Teoria Crítica para além do que se confirma efetivamente daquela utopia. Porque eles já diziam que a grande revolução socialista não ia acontecer; porém, mesmo assim o que era estudado, o que era analisado continuava tendo valor porque uma relação de poder, dominação e conformação do gosto e da atitude dos leitores continuava acontecendo e, nesse viés e em cima de novos objetos, há um espaço para a Teoria Crítica ser relida mais uma vez.

E hoje no Brasil que é ou quem são os pensadores que fazem Teoria Crítica?

RT - Eu diria que temos pelo menos três nomes. A gente poderia colocar a Bárbara Freitag, que é autora de um dos livros que uso em minha disciplina, ela continua em atividade, continua levando essa reflexão adiante. A gente tem o professor Marcos Nobre, que tem sempre uma preocupação de fazer o meio de campo entre os conceitos mais abstratos da Teoria Crítica, tornando-os bastante acessíveis. E o professor Francisco Rüdiger, que é um grande nome. É um estudioso que consegue transformar, consegue tanto se situar aliando o seu pensamento com o pensamento frankfurtiano

tradicional, quanto cruzar isso com os exemplos contemporâneos. Ele consegue também ir mudando de objetos e mantendo a perspectiva crítica para dentro da cibercultura, para dentro do diálogo com a tecnologia, com a crítica de uma razão tecnológica.

E qual seria essa emancipação dentro da nova Teoria Crítica que a gente está buscando hoje?

RT - Eu acredito que a emancipação, além dos seus sentidos mais evidentes, por exemplo, de buscar melhores condições de vida, buscar uma forma mais sofisticada ou mais rica de experiência com os meios de comunicação e sua inserção, é desenvolver a capacidade de escolha e de demanda. Criar um espaço de subjetividade que permita você escolher e demandar, e não apenas escolher entre aquilo que lhe é oferecido.

A Teoria Crítica não foi um conjunto muito harmônico e homogêneo de ideias. O que converge e o que diverge entre os autores da Teoria Crítica?

RT - O que converge entre eles, o que é o pano de fundo, é um viés marxista. Esse, sem dúvida, é o pano de fundo que converge entre todos eles num primeiro momento, porque temos vários momentos, pelo menos dois grandes momentos que é no pré-guerra e no pós-guerra. Então, no pré-guerra é uma adesão a esse viés marxista onde as relações sociais e as relações interpessoais, relações culturais vão ser mediadas pela dimensão do materialismo interdisciplinar e por uma dimensão, justamente, onde as pessoas estão inseridas numa relação de desigualdade, seja numa desigualdade de concentração onde há uma relação de poder, seja na desigualdade onde elas estão em desvantagem com relação ao poder estabelecido; seja um poder de ter acesso aos meios, fazer circular a informação, ter uma capacidade de escolha, de autoria, e assim por diante.

Os pontos divergentes a gente poderia situar nos objetos que cada um deles acaba escolhendo como objeto preferencial. No caso do Adorno é a indústria cultural e ele vai deter, especialmente, sobre esse tema e também uma crítica de música; você tem o Benjamin que é muito mais afiliado ao meio de imagem, tanto o cinema quanto a fotografia e a literatura que é a tese de doutorado dele; você vai ter Horkheimer com a preocupação de uma formação dos conceitos basilares dessa teoria e, mais tarde, o Habermas, que já era aluno dessa primeira geração, e que vai justamente fazer um movimento de tentar encontrar questões de gerenciamento da economia e

desigualdades. E o que acontece é que o Habermas vai dizer que as desigualdades continuam acontecendo e elas se viabilizam por dentro da linguagem, então é na linguagem que a gente tem que entender as condições de fala e a formação dessa retórica do poder ali por dentro.

E, por último, tem o Marcuse que faz uma crítica bastante dura à ideia de uma objetificação do indivíduo, ou seja, de uma redução do indivíduo a uma função instrumental, que é um conceito formulado por Horkheimer, e que ele aplica.

As novas tecnologias têm o potencial emancipador desejado?

RT - O uso de novas tecnologias no espaço contemporâneo se coloca de uma maneira extremamente polissêmica, porque, por um lado você pode se apropriar de novas tecnologias, e aí nós estamos falando principalmente dos meios de comunicação digital com características veiculadas à Internet. Você pode transitar por vários canais e tipos de conteúdos com diversas questões por ali, depende um pouco menos do meio e mais da mobilização das pessoas que estão utilizando e dialogando com esse meio na verdade, porque a pessoa pode usar o meio Internet, de vídeo, de redes sociais apenas para escolher e ficar vendo filme de kung-fu o dia inteiro. Você pode fazer isso, ou você pode criar um movimento de financiamento coletivo de filmes que vai abrir o caminho para várias obras que não estariam sendo realizadas aparecerem e aí abrir o leque de comunicação, um leque de variedades que aparecem ali.

Ou fazer a conexão, usar a Internet para fazer conexão com pessoas que têm os gostos diferentes do seu e aprender que você tem a possibilidade de abrir o horizonte e não apenas ganhar mais do que você já tem. Os mecanismos de busca e de recomendação são muito presentes na Internet, em sites que têm um catálogo de bens culturais à disposição. Eles, normalmente, estão pautados em quesitos que são criticáveis pelo olhar frankfurtiano. Se você assiste a três filmes de ação e uma comédia ele vai te recomendar uma comédia/ação achando que vai tentar adivinhar seu gosto, que você só quer ver elementos que você já viu, não contemplando uma possibilidade de variação, ou arriscar, e assim por diante.

Então a gente pode ver, resumidamente, que o meio da Internet é um meio que acelera a comunicação e que potencializa sua plasticidade das mais variadas formas de trocas entre as pessoas, troca de ideias, troca simbólica, troca financeira, trocas de afeto, de apoios... Na televisão, tradicionalmente você podia dizer, você senta em frente à

televisão e está passando alguma coisa, na internet isso não existe, eu cliquei aqui nesse vídeo, que pode ser completamente sem sentido, de lazer, muito sério, pode ser qualquer coisa, mas você clicou ali porque um amigo disse que é interessante, ou porque você foi pela lista de recomendação, ou porque você foi por algumas palavras-chave. Há sempre um componente mais ativo, mais presente por parte de indivíduo.

Como as ideias de Benjamin sobre reprodutibilidade técnica poderiam ser atualizadas na contemporaneidade, considerando que quase tudo se copia e se vive quase tudo com foco na simulação?

RT - Talvez o que haja de mais presente na ideia da reprodutibilidade seja aquela parte final do texto que diz que as obras de arte devem convergir para reprodutibilidade, que esse é o caminho no contemporâneo. Então nesse sentido a gente vai observar que mesmo, talvez, sem ter lido Benjamin é a proposta que floresce um pouco depois com Andy Warhol, que cria sequências praticamente iguais de serigrafias na reprodução. Ele se apropria de meios de reprodução, inclusive, sem tanta fidelidade ao original, ou seja: quem vai dizer que isso é uma reprodução usando uma técnica de imprimir um cartaz simples e não uma obra de arte? Porque sou legitimado ao entrar no sistema de arte.

Então, eu acredito que o que há de mais contínuo e traduzível, possível no sistema contemporâneo de circulação de arte e/ou bens culturais relendo Benjamin, nesse sentido, é que a gente não consegue, exceto se você usar isso como posicionamento muito explícito, como uma estratégia de diferenciação, estar alheio à circulação, estar alheio à reprodutibilidade. Inclusive aquilo que ele aponta que pode provocar outros olhares, pode provocar outras leituras, é algo que ganha cada vez mais força à medida que a gente está mais plugado, mais ligado. Eu acredito que é por aí.

E como a ideia de mito vem se modificando, se reelaborando e se resignificando? Há uma retomada do mito em que dimensões?

RT - Em várias dimensões, na verdade, porque a própria ideia de acreditar na razão depende de um grau de fé. Embora alguns preceitos científicos permaneçam, vários desses aí vão penetrando no senso comum e tornando-se algo que completa a nossa visão de mundo. O que podemos observar é que há ideia de uma reaproximação com a mitologia, e a mitologia não entendida no sentido grego, no sentido clássico de titãs,

mas no sentido de que mitologia são as explicações não científicas da vida, a maneira como você vai olhar e dizer, o próprio movimento que você vai buscar vai dizer.

Tem um movimento que nasceu no Rio Grande do Sul, um colega lá da faculdade que trabalhava numa agência de publicidade teve uma crise existencial seríssima e aderiu ao movimento do nadismo, aquelas pessoas que se reúnem para agendar um momento para fazer nada, descansavam, deitavam nos puffs, tomavam um suco, conversavam. Então havia toda uma agenda nadista do que fazer. Ou seja, a ideia de escapar de uma lógica que vai exigir de você mais trabalho, mais dedicação, mais precisão, mais velocidade, mais capacidade de produção e poder escolher outros caminhos que vão lhe dar uma existência digna, mas sem que você esteja sentindo que todas as decisões são tomadas por um sistema de ideias é um momento que está, é um momento que é uma relação difícil, porque está sempre se escolhendo outras mitologias, outras inspirações para o dia-a-dia.

Muitos governantes têm lá o seu vidente particular, por exemplo, isso é uma tradição antiga e acaba aparecendo por quê? Então, tem o discurso político, de poder, mas também tem o sujeito que está lá ancorado em alguma mitologia que o protege. Isso não é específico de uma região, mas acaba acontecendo em várias. As pessoas dialogam entre esse mundo e os outros mundos, imaginados ou reais. A própria imanência, por exemplo a pervasividade de uma literatura espírita, mostra que as pessoas criam um discurso de fé e transcendência da própria existência e depositam muita atenção nisso e isso pode ser usado como valor de entretenimento, como profissão de fé, ou pode ser usado até como uma explicação para o que existe além da própria existência.

Como a Teoria Crítica é voltada muito para o campo das ideias, até mesmo por sua proximidade com a Filosofia e a Sociologia, é possível aplicar esses conceitos no campo etnográfico, por exemplo?

RT - Eu acredito que sim. Mas, a resposta mais completa dependeria de a gente, exatamente, saber de qual objeto estamos falando, quês condições se apresentam. A princípio é possível, mas como sempre tem que ver exatamente do que está se tratando.

O que marca o conceito de arte hoje, no mundo contemporâneo?

RT - O conceito de arte, na verdade, está cingido entre várias categorias. Uma categoria que fortemente ainda continua circulando seria a arte como uma função meramente

estética decorativa, ou seja, o gosto popular, o gosto médio ele continua acreditando que é aquilo que é bonito, que é bonito para você ir lá e enfeitar uma parte da sua casa, e tudo bem, não tem nenhum problema contra isso.

Você tem a arte do mercado de arte, que é a arte que vai permitir um fator especulativo e um fator de originalidade e escassez que são características principalmente econômicas. Você vai ter ainda outra arte, que normalmente só é enxergada em sua originalidade pelo retrovisor, ou seja, daqui a 20 anos é possível ver quais autores, quais obras que foram definindo as rupturas de visualidade com as épocas que acabamos de passar.

Então, a arte tem um caráter de autoria, de originalidade, tem um caráter de mercado, tem um caráter decorativo. E tem um caráter, também, que é impossível não lembrar: é um caráter de efêmero, ou seja, que hoje em dia cada vez mais se criam obras de arte, elas têm um caráter efêmero, como a arte de rua que dificilmente ela é preservada, ela vai se desgastando e em cima se cria outra coisa. Tem uma impressão temporária, os próprios flashmobs, que são mobilização de gente às vezes para um fim publicitário, às vezes para um artístico, às vezes para um fim de choque. Você tem instalações, videoinstalações, coisas para você experimentar que não depende tanto do espaço, do ambiente, da montagem, do contexto, da circunstância, e, portanto, elas são profundamente efêmeras.

Como que, nessa perspectiva da indústria cultural, a Teoria Crítica enxergaria a produção do fanfiction, por exemplo?

RT - Eu tenho a impressão que enxergaria de uma forma ambígua. É possível que eles fossem vistos de uma maneira bastante pessimista, ou seja, de uma adesão e um reforço de um conjunto de ideias já definido, ou seja, aquilo que já está estabelecido, aquilo que já é conhecido. Então você está reforçando esta estrutura de comercialização, que se você fosse abertamente fazer uma paródia, mas isso tem um tom principal das fanfictions, é um desejo das pessoas continuarem vivenciando aqueles ambientes mesmo depois que a narrativa já se estancou, acabou, segundo o autor original.

Porém tem uma outra perspectiva que também pode ser compreendida dentro da Teoria Crítica que seria justamente a busca de um espaço, uma espécie de quase emancipação desses personagens de dentro da estrutura comercial de troca entre bem cultural e mercadoria. E também de uma estrutura financeira que sustentaria a venda e o comércio ao libertá-los dessa estrutura, ou seja, as pessoas pagam pelo Harry Potter, mas não

pagam pela fanfiction do Harry Potter. Você consome de graça na Internet, numa comunidade de fãs e assim por diante, só para citar um exemplo bem rápido.

Quais seriam os fundamentos desse conceito de modularização?

RT - A modularização é um conceito que eu estou desenvolvendo e busca explicar como é que acontece essa apropriação de materiais que estão em meios de comunicação amplamente difundidos, por exemplo, cenas de um vídeo. A gente tem várias formas de apropriação em várias áreas, mas, por exemplo, uma propaganda frequentemente se apropria por referência de um filme que está na moda. Na época de Matrix, todas as propagandas ficaram verdes com as letrinhas caindo. Quando foi o Titanic, todas as pessoas abriam os braços na croa do navio nas propagandas, e assim por diante. No caso da modularização ela propõe uma assimetria entre o produto original, as condições de produção do produto original, e quem está fazendo essa referência, essa releitura. Então ele precisa identificar uma série de elementos no original que sejam reproduzíveis ou facilmente reconhecidas mesmo produzidas a partir do cotidiano, isso pode ser uma frase, que normalmente é de curta duração, e isso aí vai buscar surfar na mesma onda de um vídeo, de um algum conteúdo que esteja circulando bastante na Internet para agregar ali algum valor de paródia, de transgressão ou de homenagem para angariar basicamente um reconhecimento, um capital social.

Você pesquisou o CD-ROM como uma ferramenta para ajudar os profissionais de comunicação. Que ferramentas que você prevê ou percebe que estão despontando aí que modificam ou contribuem para esse profissional de comunicação?

RT - Eu acredito que, além dos suspeitos de sempre que a gente nem precisa mencionar aqui, como Twitter, Facebook e outros, isso aí já está bastante difundido e a maioria de nós desfruta dos benefícios disso. Agora eu acredito em uma fronteira pouco explorada que está justamente na possibilidade de fazer trabalho colaborativo pela Internet, por exemplo.

Os próprios recursos de edição compartilhada de documentos no GoogleDocs; a edição compartilhada de vídeos em sites como o iVideo, onde você sobe seus vídeos para a nuvem e pode ter três editores trabalhando ao mesmo tempo no vídeo, cada um pegando uma parte do material bruto e ao mesmo tempo você tendenciando aquilo; ou softwares como o Colapcan, que permite você fazer um suíte de televisão a partir de quatro

iPhones que funcionam pela rede sem fio automaticamente; ou ainda todos os programas que permitem você fazer um suíte ao vivo a partir do seu computador, cortando várias câmeras, incorporando um pouco dessa estética tradicional de televisão e montando um estúdio improvisado em qualquer lugar. Acredito que essas ferramentas vão trazer um pouco da gramática do profissional para o cotidiano e permitir mais colaboração entre pessoas que se mobilizam por algum tipo de coisa, se mobilizam para criar um documentário, se mobilizam para criar o que elas quiserem, criar um produto cultural. É algo que eu acredito ser uma fronteira muito interessante hoje.

Que avaliação você faz da pesquisa em cinema hoje no Brasil?

RT - Ela é vigorosa. Você tem grupos consolidados de audiovisual e cinema nos principais congressos do país, então a produção científica tem centenas de teses, dissertações e trabalhos de cursos circulando sobre essa área. Acho que em termos de número, de quantidade e qualidade a pesquisa vai muito bem.

RT - Com relação ao cinema brasileiro a gente está vivendo um momento com várias produções. Que olhar o senhor tem para essas produções e para esse momento?

Ele é mais uma vez um momento que tem várias facetas. Por um lado você tem uma certa crise, uma redução, pelo menos nos últimos anos, eu vi uma redução da quantidade de filmes brasileiros sendo lançados em salas de cinema, mas você tem uma relação com o público que saiu daquele estereótipo, finalmente conseguiu, de uma certa maneira, se libertar daquele estereótipo que foi forjado na década de 60 para 70 onde o filme brasileiro era relativamente menor, era um filme onde tinha nudez, onde tinha sexo, era algo que incomodava e assim por diante. Tem filmes como o “Febre de Rato”, do Cláudio de Assis, bastante ousado em algumas cenas, você tem também “Se eu fosse você”, que tem toda uma temática que gira em torno da sexualidade, mas que ali você não vê nada, fica tudo no nível do gosto do espectador médio e fez sucesso, é uma comédia bastante divertida. Os dois filmes são muito bons.

O que eu vejo ai é que a fronteira mais interessante não esteja na ficção, mas nos documentários. Tem se produzido uma linhagem de documentários muito bons no Brasil nos últimos 15 anos, documentário onde há uma temática sobre maneira musical e você tem então todo um recontar da história da cultura brasileira que passa muito pela

musicalidade através de documentários, isso ai tem trazido uma série de emendas históricas e uma consolidação do imaginário na tela e não apenas na vitrola.